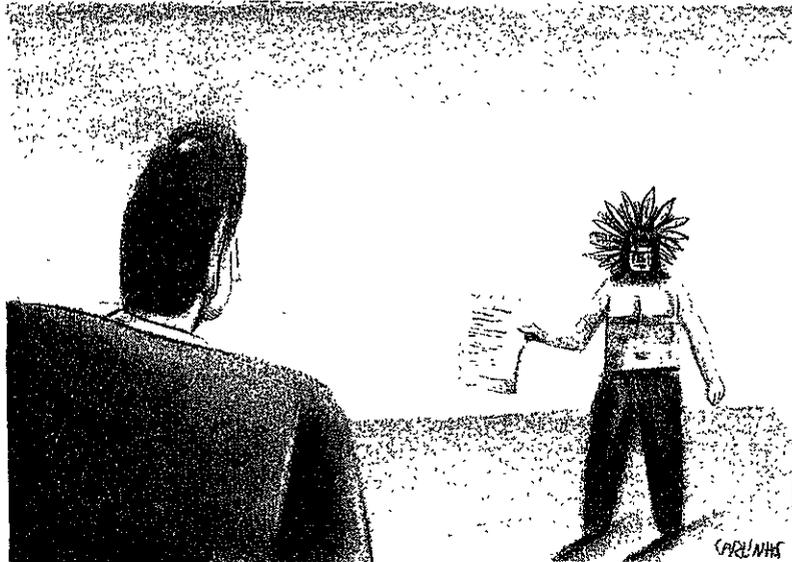


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Madeira

Data: 20/02/93 Pg.: 3 135



A guerra dos caiapós

O problema se prende à exploração de madeira, principalmente mogno, na Amazônia, pelos caiapós. Um efetivo dessa tribo, contando 88 líderes e caciques, chegou a Brasília e se nega a deixar a Capital (onde se hospeda ao custo de 40 milhões/dia que não se sabe quem paga) enquanto o presidente da República não assinar decreto autorizando a extração e a comercialização da madeira (quase toda nobre) existente no território indígena; ou obrigando a Fundação Nacional do Índio a pagar a cada uma das 16 aldeias caiapós US\$ 50 mil mensais. Haja dinheiro! Têm sido feitas reuniões no auditório da Funai. A reivindicação altissonante provocou entendimentos do presidente da entidade com representantes do Ministério da Justiça, da Procuradoria-Geral da República, do Meio Ambiente e, como não poderia deixar de ser, com representantes de organizações não-governamentais. Registre-se que a presença daquele efetivo em Brasília está custando nada menos de Cr\$ 40 milhões por dia, sem alimentação, com alojamento em hotel modesto.

As dificuldades por que pas-

sam os indígenas têm certa dose de complexidade. As madeiras não querem mais celebrar contratos para retirar as árvores porque a exportação do produto, manufaturado ou beneficiado, se tornou difícil — e era sua fonte de lucro. As organizações internacionais ligadas ao meio ambiente pressionam os importadores, lá fora, para que não concluam compras, com o que se combateria o desmatamento. Os índios, sem dinheiro, indagam: “Quem vai comprar remédios, pagar hospitais, transportar enfermos com as doenças que o branco deixou (e outras, talvez?) para o nosso povo?”.

O ambientalismo é capaz de preservar árvores e fazer vítimas humanas. Nem se cuida de saber se o mogno retirado das reservas caiapós poderia ser em seguida replantado; ou se, no lugar dele, se poderia cultivar outro tipo de madeira. Trata-se de uma situação de fato. Lá fora não se compra, a madeireira não trabalha, o índio vai para Brasília e a confusão está formada.

Esta é a autêntica “guerra dos caiapós”, não a do cacique de quem ninguém ouve mais falar.